

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM

MARIANA YURIKO OTANI

**A PEDAGOGIA DE ERASMO DE ROTERDÃ E MASSAHARU
TANIGUCHI: APROXIMAÇÕES**

MARINGÁ

2013

MARIANA YURIKO OTANI

**A PEDAGOGIA DE ERASMO DE ROTERDÃ E MASSAHARU
TANIGUCHI: APROXIMAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado sob a forma de Monografia como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Cantos.

MARINGÁ

2013

MARIANA YURIKO OTANI

**A PEDAGOGIA DE ERASMO DE ROTERDÃ E MASSAHARU
TANIGUCHI: APROXIMAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado sob a forma de Monografia como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Cantos.

Aprovado em: ____/____/2013.

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR JORGE CANTOS (UEM) - ORIENTADOR

PROFA. DRA. IVANA GUILHERME SÍMILI (UEM) - MEMBRO

PROF. DR. CÉLIO JUVENAL COSTA (UEM) - MEMBRO

MARINGÁ

2013

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por me amarem incondicionalmente, por serem meus alicerces.

Às minhas irmãs Akemi e Márcia, que são meus maiores exemplos.

Aos meus amigos e familiares, que me proporcionaram momentos maravilhosos e me ensinaram/ensinam o valor da vida.

Aos meus professores, da educação infantil ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, que dedicaram parte de suas vidas à minha formação.

Ao meu professor orientador Jorge Cantos, que me acolheu por inúmeras vezes, sempre com o mesmo sorriso e empolgação. É o grande responsável por eu não desistir de buscar a conclusão do curso. Fica então o meu agradecimento especial e a quem dedico o trabalho.

RESUMO

A pesquisa, realizada como atividade de Trabalho de Conclusão de Curso, teve como objetivo identificar algumas características comuns entre a pedagogia de Erasmo de Roterdã, (1467-1536), teólogo humanista neerlandês e a de Massaharu Taniguchi (1893-1985), religioso japonês, fundador da Seicho-no-Ie. Foi desenvolvida a partir do referencial de obras selecionadas dos autores, traduzidas para o português. Trata-se, além de pesquisa acadêmica e didático-pedagógica, de pesquisa bibliográfica com fontes primária, portanto, de pesquisa teórica. Ela confirma as hipóteses aventadas de que, embora sejam de contextos históricos e sociais diferentes, existem características educacionais comuns entre eles, tais como: a tentativa de superar concepções e métodos educacionais baseados no castigo; e a proposta de um novo método educacional, que aponta para a defesa da educação desde tenra idade, do exemplo como forma de ensinar, e do incentivo e do amor como base de uma nova educação. Esta monografia apresenta seus principais resultados.

Palavras-chave: Erasmo de Roterdã. Massaharu Taniguchi. Educação. Pedagogia. Métodos Educacionais.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	06
2 SOBRE ERASMO E MASSAHARU TANIGUCHI	08
3 DA CRÍTICA AO MÉTODO BASEADO NO CASTIGO.....	11
4 DA PROPOSTA DE UM NOVO MÉTODO EDUCACIONAL.....	18
5 CARACTERÍSTICAS PEDAGÓGICAS COMUM ENTRE ERASMO E MASSAHARU TANIGUCHI.....	29
5.1 EDUCAÇÃO DESDE A TENRA IDADE.....	29
5.2 IMITAÇÃO.....	32
5.3 A PEDAGOGIA DO AMOR, DO ELOGIO E INCENTIVO.....	34
6 CONCLUSÃO.....	39

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa, cujos resultados são apresentados nesta monografia, objetiva relacionar autores de contextos históricos diferentes: Erasmo de Roterdã, autor do Renascimento, e Massaharu Taniguchi, autor contemporâneo. Separados pelo tempo e espaço, o desafio consistiu em aproximar os dois olhares, naquilo que têm em comum. Ora, ao direcionar o tema para a educação, a proximidade entre eles se estreita, possibilitando levantar alguns pontos de aproximação, quais sejam: superação do método baseado no castigo e a proposta de um novo método que valorize a educação desde os primeiros anos pueris e que se fundamente no incentivo e no amor.

A monografia refere-se a uma pesquisa bibliográfica, a partir de fontes primárias: *De Pueris, A Civilidade Pueril e Elogio da Loucura*, de Erasmo de Roterdã; *A Pedagogia da Seicho-no-le, A Verdade da Vida*, Volumes 13, 14, 19, 25, 29 e 30 de Massaharu Taniguchi. Trata-se, portanto, de ida às fontes, com a adoção do método demonstrativo. Assim, a partir do tema “A Pedagogia de Erasmo de Roterdã e Massaharu Taniguchi” e da pergunta de pesquisa: “Quais são as características comuns entre a Pedagogia de Erasmo e a de Massaharu Taniguchi?”, é que se desenvolveu a investigação.

A primeira parte deste texto destina-se às biografias dos autores pesquisados. Objetiva apresentar a vida e obra de Erasmo e Massaharu Taniguchi, bem como buscar a compreensão do contexto histórico vivido por cada um.

A segunda parte se subdivide em dois momentos: primeiramente, se direciona para a apresentação da crítica de ambos ao método baseado no castigo e no mecanismo de abarrotar o cérebro da criança com conteúdos de modo maçante. Tais métodos são, por eles, considerados impróprios para o desenvolvimento saudável da criança, vez que nada contribuem, muito pelo contrário, possuem efeitos contraproducentes. Na sequência da crítica, a solução. Assim, se remete à proposta de ambos: um método divergente do método do castigo.

Desarte, se aponta para algumas considerações fronteiriças em relação às negligências que não se harmonizam com uma educação da iminência proposta, bem como se evidencia a importância de uma educação diligente e aprimorada, que seja

capaz de desenvolver o que é inerente a criança, capaz de extrair sua grande potencialidade. Na continuação, apresentam-se as características selecionadas na investigação; primeira, que Erasmo e Massaharu Taniguchi evidenciam no método pedagógico proposto por eles, trata sobre a importância da educação nos primeiros anos de vida da criança. A segunda, sobre a imitação, daí a valia de, antes de pretender educar a criança, ser um bom exemplo, pois se acredita no pendor da criança para aprender com facilidade aquilo que vê. Por fim, sobre a influência das palavras de incentivo, o do elogio para o desempenho positivo das crianças, tal como o sentimento de amor, que deve ser recíproco entre o educador, sejam pais ou professores, e a criança.

2 SOBRE ERASMO E MASSAHARU TANIGUCHI

Para melhor elucidar, nas ambivalências concernentes ao contexto histórico de Erasmo de Roterdã e Massaharu Taniguchi, exposição do que há de comum entre eles, é propícia a menção biográfica de cada autor.

Erasmo, autor da época do Renascimento, nasce na vila de Gouda, em Roterdã, na Holanda, em outubro de 1467 e falece em Basiléia, na Suíça, no dia 12 de julho de 1536. Torna-se órfão muito cedo, ficando sob os cuidados de um tutor. Estuda em mosteiro religioso, dos Frades Franciscanos, em Deventer. Posteriormente entra para o convento dos padres Agostinianos, onde, aos 23 anos é ordenado sacerdote. Nessa época já se mostra talentoso na área literária. Aos 26 anos entra na Universidade em Paris, onde recebe a influência da cultura clássica renascentista. Suas principais leituras são os clássicos greco-romanos, a Bíblia e a patrística, todas feitas de forma crítica procurando adaptá-las à realidade. Após um roubo, vive em extrema miséria, o que lhe ocasionou problemas de saúde para o resto da vida. Nesse ínterim, se dedica na publicação de seus inúmeros livros, até como forma de subsistência. Torna-se um intelectual reconhecido e influente. Decepcionado com a corrupção da Igreja e da sociedade adota a sátira como método pedagógico de correção dos males de sua época, do humanismo renascentista.

No que concerne à Pedagogia, Erasmo acredita no poder transformador da educação, posto que, a falta dela é um crime nefando, como expõe em um dos capítulos da sua obra *De Pueris*, dedicada à educação. Sobre a mesma temática é o livro *A civilidade Pueril*, um manual de boa conduta que ele escreveu para um príncipe, mas que é direcionada à educação de todas as crianças. *O Elogio da Loucura* é uma das suas principais obras. Nela, ele satiriza a sociedade de sua época, tendo a Loucura como personagem central, que narra em primeira pessoa. Deveras, é nessa obra que mais claramente aparece sua crítica à sociedade de sua época, na forma de sátira pedagógica.

O PHD Massaharu Taniguchi nasce em 22 de novembro de 1893, na cidade de Kobe, Japão. Forma-se em literatura inglesa. Estuda diversos tipos de filosofias e

religiões ocidentais e orientais, sendo suas principais leituras: Schopenhauer, Nietzsche, entre outros. Acreditava que o mundo é uma grande injustiça, onde os fortes exploram os fracos. Em 1930 diz ter recebido uma revelação Divina e, a partir dessas revelações, inicia um movimento de iluminação espiritual não sectário, chamado Seicho-no-Ie, que se expandiu a partir da II Guerra Mundial¹. Como instrumento de divulgação desse movimento, são publicadas mais de 400 obras. Dentre os temas abordados, a educação está muito presente.

Em seu livro *Pedagogia da Seicho-no-Ie* (2007), Taniguchi explicita métodos favoráveis para educar, que, em suma, permeiam as vontades do ser humano, a saber: ser amado, ser reconhecido, ser elogiado e ser útil. Ele acredita que a criança possui a capacidade inata, uma potencialidade infinita que, para que seja extraída, é necessária a visualização da sua imagem verdadeira que é perfeita e harmoniosa em sua essência. Baseado na filosofia monista, que reconhece unicamente Deus e o que vem d'Ele, a Pedagogia da Seicho-no-Ie acredita que se deve extrair (não entulhar) a potencialidade natural (divina e infinita); visualiza a essência e não o fenômeno (aparência), ou seja, elimina as imperfeições visualizando a essência; vivifica o agora. A sua obra mais importante se refere a uma coleção intitulada *A Verdade da Vida*, quarenta volumes que tratam dos mais variados temas, dentre eles a educação.

Massaharu Taniguchi não somente nasce como vive todo o tempo, praticamente todo o século XX, no Japão. Isso não o impede de fazer viagens para quase todos continentes a fim de promover a expansão do seu 'Movimento de Iluminação'. O Japão vive, à época, uma monarquia constitucional, num processo de modernização, período denominado "democracia Taishô". Ele se destaca gradativamente como uma grande potência imperial, resultado das guerras Sino-Japonesa (1894-1895) e Russo-Japonesa (1904-1905). No contexto mundial, o século XX presencia as revoluções comunistas. A economia global implode em 1929, é a grande depressão econômica. Ocorrem as Grandes Guerras Mundiais e também a Guerra fria. O Japão sofre o bombardeio em Hiroshima e Nagasaki das bombas atômicas dos Estados Unidos. É

¹ Hoje a Seicho-no-Ie está presente em mais de 40 países, inclusive no Brasil. Seicho-no-Ie, numa tradução livre, significa "Lar do Progredir Infinito". Movimento este que - segundo o próprio autor, em *A Verdade da Vida*, vol. 30 - harmoniza as doutrinas cristã, budista e xintoísta com o pensamento moderno (TANIGUCHI, 1993, p. 17).

um período de grandes massacres. Por outro lado, são incontáveis os avanços científicos e tecnológicos.

Nos textos de Massaharu Taniguchi dedicados à educação das crianças, não se percebe a identificação de um grupo social como público alvo específico, logo, entende-se que, ela se direciona tanto aos mais afortunados quanto aos menos favorecidos economicamente. Nos textos de Erasmo, embora normalmente dedicados a um príncipe, é claramente dedutível que a educação se destina a todas as classes sem discriminação, uma educação que valha para pobres e ricos, por igual, objetivando torná-los aptos para todo e qualquer papel na sociedade. Até mesmo reivindica recursos financeiros dos mais afortunados a serem destinados à educação dos menos favorecidos:

Da minha parte, eu me restrinjo a propor o modo melhor possível de educar. Quanto ao dinheiro, nada possuo para oferecer. Caberia, sim, à liberalidade dos afortunados patrocinarem os talentos indivíduos agraciados pelos dons da natureza, mas a braços com restrições no orçamento familiar e, em decorrência disso, impedidos de explicitarem seu potencial inato (ERASMO, 2008a, p. 102).

Erasmo, cronologicamente distante de Massaharu Taniguchi, autor contemporâneo! A época vivida por ele, final do século XV e os primeiros decênios do século XVI, é a da transição da Idade Média para a Idade Moderna, do sistema feudal para o sistema capitalista (mercantilista), das grandes navegações marítimas e descobertas continentais e da criação da prensa tipográfica, que representa um grande marco na história, enfim, período do Humanismo Renascentista. Distantes no tempo e vivendo em diferentes contextos históricos, têm muitos pontos em comum! As seções seguintes apresentarão os pontos de aproximação propostos, relacionados à educação, mais diretamente à Pedagogia.

3 DA CRITICA AO MÉTODO EDUCACIONAL BASEADO NO CASTIGO

Tanto Erasmo de Roterdã quanto Massaharu Taniguchi criticam o método baseado no castigo. Tal método consiste na repressão física e psicológica, no entulhamento de conhecimentos impostos como totais e absolutos sem vazão ao desenvolvimento do raciocínio e da capacidade da criança.

Erasmo, por ter estudado na escola de frades franciscanos, local onde preponderava a pedagogia dos castigos físicos e o mero decorar de textos religiosos, relata sua experiência exemplificando o efeito contraproducente do castigo. Sem que houvesse motivo algum, seu preceptor o reprimira fisicamente, acarretando-lhe, na ocasião, um desgosto pelos estudos.

O preceptor [...] resolveu testar minha capacidade para aturar castigo. Alegou então qualquer falta que nem por sombra cometera e bateu-me. Aquilo esvaziou todo o meu gosto pelos estudos, desmotivando de tal sorte meu entusiasmo pueril que pouco me faltou para vir a falecer de tanto penar. Em todo caso, aquela amargura fez-me contrair a tal de febre quartã² (ERASMO, 2008a, p. 86-87).

Ele lamenta tal postura violenta de preceptores que impetuosamente castigam seus alunos, acreditando se tratar não de educadores, mas sim de carneiros:

[...] a esta altura, quantos excelentes educandos postos à perdição por tais algozes brutais, muito embora todos eles, enfatuados de pseudo-habilitação, mal humorados, dados à bebida, cruéis, violentos por profissão e de temperamento a tal modo agressivo que se comprazem na tortura alheia. Enfim, indivíduos que deveriam ser antes carneiros ou algozes. Jamais educadores de crianças! (ERASMO, 2008a, p. 87).

Além do próprio exemplo, Erasmo cita outros casos de algozes, como o de um teólogo que utilizava da agressividade para punir ou meramente para causar medo, com o argumento de que era a única maneira de reprimir a rebeldia do espírito e domar o desbragamento da juventude: “Assim, findo o repasto, um ou mais eram destinados ao suplício das varas. E, de quebra, iam também aqueles que nada deviam. Talvez para se habituarem ao rito da flagelação” (ERASMO, 2008a, p. 88).

² Febre intermitente que se reproduz a cada quatro dias, que pode ser indício de malária, muito comum na Europa desde a Idade Média. Há um Poema de Erasmo em honra a Santa Genoveva, por tê-lo libertado da febre quartã. Esse poema tem sido frequentemente usado para mostrar que ele não era completamente contra o culto dos santos, mas apenas contra os exageros desse culto.

Outro caso citado por Erasmo (2008a, p. 92-94) é dum menino que foi abusivamente castigado por motivos injustos. Entupiram-lhe a boca com fezes humanas, despiram-lhe a roupa e, suspenso por cordas, flagelaram-no. O resultado, além da enfermidade física, que se conseguiu, em parte, curar com os remédios, a integridade mental, que ficou perturbada e sem probabilidade de recuperação.

Desse último exemplo, Erasmo descreve o professor com a seguinte feição: “Tinha olhos de serpente, boca cerrada e rugosa, voz estridente como alma penada, face lívida e cabeça em transtorno” (ERASMO, 2008a, p. 92-93). Trata-se, pois, de um professor de péssimo caráter. Segundo ele, as atitudes, os gestos, o modo de comportar-se, traduzem a índole do homem (ERASMO, 2008b, p. 144). O corpo é como espelho da alma. Em seu manual de boas maneiras, sobre regras de civilidade, no primeiro capítulo, indica atitudes corretas e incorretas apresentando os cuidados que se deve ter desde a cabeça aos pés. Sobre os olhos, descreve: “[...] olho ameaçador é sinal de violência, enquanto olho perverso traduz maldade” (ERASMO, 2008b, p. 145). Além desta, há outras características que ele aconselha que devam ser evitadas. Trata-se de atitudes semelhantes às que, possivelmente, podem ser encontradas naqueles preceptores que utilizam da coação como método educacional.

Algozes, carniceiros, carrascos, são as características que Erasmo dá aos professores que admoestam seus alunos evidenciando o desprezo contra eles. Afora, acredita-se tratar de profissionais incompetentes, educadores que, sem conteúdo para ensinar, acabam por penalizar seus alunos com um espetáculo de pancadaria a findar seu tormento em ensinar: “Ninguém flagela de maneira mais cruel a criança do que o professor que nada tem a ensinar. Que outra coisa sabem fazer no magistério tais indivíduos senão matar o tempo com cenas de espancamento e vociferação” (ERASMO, 2008a, p. 87). E, mais, qualifica-os como criminosos e lamenta que, “[...] contra indivíduos de semelhante naipe, não se movam ações judiciais de maus-tratos” (ERASMO, 2008a, p. 94).

Segundo Erasmo, educar por meio de castigos, como nos exemplos referidos, equipara-se ao instituto da escravidão: “É coisa de escravidão corrigir por meios do temor à pena. Se é corrente chamar os filhos pelo qualificado de ‘livres’, justamente por

convir-lhes educação liberal, então em nada sejam equiparados a servos” (ERASMO, 2008a, p. 89).

Vale dizer que esse posicionamento de Erasmo, manifesto em vários momentos de suas obras, evidencia o vanguardismo do seu pensamento, não apenas no que concerne ao campo da pedagogia em si, mas a todo um campo político e social mostrando-se a frente de seu tempo. Ele acredita que a escravidão deva ser banida de vez por toda, o que fica patente quando toma a Carta aos Efésios, em que Paulo “[...] adverte os patrões para temperarem a autoridade e refrearem as ameaças contra os escravos, lembrando-os de serem antes companheiros do que senhores, por que o patrão comum de todos está nos céus” (ERASMO, 2008a, p. 90).

Em tal método do castigo insere-se a crítica de Erasmo ao aprendizado fundamentado na mera repetição e memorização. Isso pode ser extraído da sua crítica à argumentação dos pais, que acham que as crianças não devem ser expostas aos árduos cuidados da instrução antes dos sete anos, de que elas seriam atormentadas “[...] com encargos escolares que geram enfado devido à malhação tal como ouvir explicações, repetir e reproduzi-las por escrito” (ERASMO, 2008a, p. 70).

Semelhantemente à de Erasmo é a contraposição de Massaharu Taniguchi à pedagogia do castigo. “A educação retrativa, a educação atrofiante e a educação intimidante são todas contrárias [...]” (TANIGUCHI, 1989, p. 191) à sua pedagogia vez que todas elas acabam por destruir a coragem, a determinação e o discernimento da criança, valores tão necessários para a vida. Ele entende que as palavras têm grande influência na formação da criança, logo, ressaltar os seus defeitos, com críticas, acusações e reclamações, suscitará, exatamente, no agravamento desses defeitos. E por isso adverte: “Os métodos convencionais de educação consistem, basicamente, em procurar melhorar a criança apontando-lhe os defeitos [...]” (TANIGUCHI, 1993, p. 18), mas esse não é para ele o caminho certo.

Massaharu Taniguchi também expõe, em várias de suas obras, relatos de experiências que configuram o ineficiente método educacional do castigo. Tais exemplos estão mais voltados para as repreensões verbais e para as emissões de vibrações mentais negativas, tal qual ele acredita consistir num fator altamente nocivo ao desempenho pleno da capacidade da criança.

A exemplo de Erasmo, Massaharu Taniguchi revela “Acho que essa repreensão foi maior em toda minha vida, e ficou bem gravada em minha memória” (TANIGUCHI, 2009, p. 20), se referindo à reprimenda que seu pai lhe fez por conta das baixas notas em Aritmética. No fim, no seu caso, a reprimenda lhe foi profícua, já que o fez tornar-se o primeiro da classe até concluir o primário. No entanto, apesar do resultado positivo, ele expõe:

Praticamente não existe no mundo ninguém que, em sua infância, não tenha sido chamado pelos seus pais ou educadores de ‘tolo’, ‘teimoso’, ‘malvado’ etc., e isso é muito lamentável [...]. As palavras lançam ‘sementes’, que infalivelmente irão germinar e dar frutos. É óbvio que não melhore o mundo construído por pessoas que foram criadas em lares onde não cessam palavras injuriosas (TANIGUCHI, 1989, p. 200).

Segundo Taniguchi, as palavras ríspidas e até mesmo a fisionomia agressiva, provocam vibrações negativas que são captadas pelos aguçados sentidos da criança: “[...] as vibrações ocorrem em conformidade com a mente, e essas vibrações, formando o tom de voz e a expressão fisionômica, influem, por sua vez, na mente das pessoas” (TANIGUCHI, 1993, p. 24). Isso ocasiona um retrocesso no crescimento do aluno, vez que, assim como dito, a palavra é capaz de tornar real a incapacidade verbalmente declarada: “A palavra se antecipa a fatos concretos da vida, isto é, a vida procura imitar aquilo que foi expresso em palavras” (TANIGUCHI, 1993, p. 21-22).

O caso de Hattori é um dos exemplos que Massaharu Taniguchi apresenta para elucidar a ineficácia da aplicação da repreensão, o que vai ao encontro dos resultados negativos dos castigos expostos por Erasmo. Hattori, desde a infância tinha grande talento para o desenho, no entanto:

Um dia, quando ainda era aluno do primário, sua professora distribuiu à classe quadrinhos para desenhar. Quando ela viu o trabalho do menino Hattori e notou sua perfeição, disse: ‘Acho que você decalcou o desenho’. ‘Não, senhora – respondeu –. Fiz este trabalho olhando bem o desenho do modelo’. ‘Você é um mentiroso – disse a professora -. Quer prova?’ E pôs o desenho do aluno contra a luz. [...] Naturalmente não fora decalcado; ele apenas observara atentamente o modelo. As palavras da mestra magoaram-no tanto, que ele firmemente decidiu ‘nunca mais desenhar’ (TANIGUCHI, 1990a, p. 24-25).

Outro relato frustrado é o de “um estudante desordeiro”. Conta-se que ele negligenciava os estudos e era agressivo. Por assim, acabou sendo suspenso da escola: “Os pais, muito preocupados, admoestavam-no, constantemente, com o intuito

de corrigi-lo; mas, quanto mais os pais o repreendiam, mais rebelde ele se tornava, e seu comportamento piorava” (TANIGUCHI, 1990b, p. 26). Massaharu Taniguchi lamenta ao apurar que “Muitas crianças são gravemente prejudicadas pelos próprios pais que emitem vibrações mentais danosas e proferem palavras com vibrações de influência negativa” (TANIGUCHI, 1993, p. 24).

Massaharu acredita que é impossível haver melhoras quando se corrige o aluno por meio de repreensões, visto ainda serem atos correntes: “Nos métodos pedagógicos de até agora, costumavam ver somente o lado negativo dos alunos e dizer ‘Você é ruim nisto e naquilo’, e tentavam corrigi-los ao mesmo tempo em que gravavam os aspectos negativos na mente deles. Assim é impossível que os alunos melhorem” (TANIGUCHI, 1990a, p. 28-29).

Pior que não haver melhoras é o fator negativo que, segundo Massaharu, os castigos podem causar aos alunos. E, assim, compartilha da ideia de Erasmo, ao dizer que as repreensões produzem efeito contrário ao desejado, ou seja, é contraproducente. Pensa-se que desse modo, ao invés de favorecer o desenvolvimento positivo da criança, acaba por incutir nas crianças, além da vontade reprimida de praticar o mal, o sentimento maléfico do temor:

É verdade que, até certo ponto, as repreensões e os castigos impedem que a criança torne a praticar maus atos, contudo, isso não significa uma melhora real. Em tais casos, a criança simplesmente reprime a vontade de praticar maus atos pelo medo de ser castigada. Aparentemente, ela se torna comportada, mas, por dentro, ocorre o seguinte: de um lado continua a existir a vontade de praticar maldades – que constitui um fator negativo – e, por outro lado, há o temor de ser castigado – que também é um fator negativo (TANIGUCHI, 1993, p. 91).

Massaharu diz ser responsabilidade dos pais e educadores o desenvolvimento positivo da criança, encaminhando-a para o bem. No entanto, lamenta que “[...] são poucos os pais e educadores que explicam às crianças a razão das coisas. Muitos até impõe despoticamente uma determinada conduta e, quando não são obedecidos, recorrem à violência e à punição” (TANIGUCHI, 2007, p. 131).

Para Massaharu, de forma alguma o castigo conduzirá para o caminho certo, para uma tendência construtiva:

Se os pais não ensinarem à criança o modo correto de utilizar a transbordante vitalidade e a castigarem dizendo que só faz travessuras,

estarão impedindo-lhe o desenvolvimento perfeito da vida. Chicote não é bússola; jamais aponta a direção certa. Nessas condições, a transbordante vitalidade da criança, que não tem onde se extravasar, será desperdiçada, prensada entre o desejo de se expandir e a opressão (TANIGUCHI, 1989, p. 146).

Como Erasmo, Massaharu se opõe ao método de ensinar entulhando conhecimentos, assim como se opõe a ideia de que a educação iniciada em tenra idade seja prejudicial. Tais concepções, que ele denomina “convencional”, desarmonizam o interior e exterior da criança causando um prejuízo a sua potencialidade inata. Sua pedagogia:

[...] não compartilha a idéia (sic) convencional de que ‘a educação ministrada antes de a criança atingir seis ou sete anos de idade prejudica-lhe o cérebro ainda frágil’. Esta ideia (sic) convencional também não deixa de ter certa lógica no mundo atual em que se pensa que educar é encher de qualquer modo a camada superficial da mente com conhecimentos vários. Deste tipo de educação não se pode esperar um grande desenvolvimento da mente (TANIGUCHI, 1989, p. 144).

Ele complementa que a ideia de que educar é encher de qualquer modo a camada superficial da mente com conhecimentos vários – a tornar o homem um “dicionário ambulante” (TANIGUCHI, 1989, p. 144) – não permite um grande desenvolvimento da mente:

Ao educar uma criança, devemos tomar cuidado para não fazer dela uma ‘máquina memorizadora’, mas ensiná-la a raciocinar. O que entendeu pelo raciocínio não se esquece facilmente, mas o que se decorou em última hora, se esquece em poucos dias. Em vez de enfiar memórias na criança, é preciso orientá-la para que use sua capacidade de raciocinar claramente e de coordenar as idéias (sic). É errado o método educacional que faz a criança entupir-se de informações sem raciocinar (TANIGUCHI, 1989, p. 184).

Confere similaridade entre Erasmo e Massaharu Taniguchi a crítica quanto ao frequente uso do castigo, físico, primeiramente, mas, também, psicológico. Ambos entendem que isso provoca o tolhimento do desenvolvimento da criança. “A assiduidade dos castigos debilita o corpo enquanto a mente fica insensível à força da palavra. Também aquela freqüência (sic) de repreensões acres deve ser evitada” (ERASMO, 2008a, p. 97); “Quando essa opressão é exercida continuamente, o efeito será pior do que o simples desperdício de energia, pois uma vida continuamente constrangida ficará atrofiada” (TANIGUCHI, 1989, p. 147).

É notória, portanto, a consonância entre a concepção pedagógica de Erasmo e Massaharu Taniguchi em relação à crítica ao método baseado no castigo, o que engloba a utilização do temor como instrumento de ensino e a sobrecarga de estudos com base na memorização e decoração dos conteúdos. Julga-se isso por seu peso contraproducente, com resultados desfavoráveis aos ânimos nos estudos, lesivo à formação do caráter, inebriante à alma da criança. No mais, prejudicial a toda humanidade.

Haja vista a ineficácia e a nocividade do método do castigo, Erasmo e Massaharu Taniguchi propõem um método educacional divergente deste. Assim, valendo-se da ideia do prestígio da educação, uma educação verdadeira, e apontando as negligências correntes dos educadores diante dela, eles evidenciam o desígnio da proposta com bases e procedimentos diferentes do método do castigo.

4 DA PROPOSTA DE UM NOVO MÉTODO EDUCACIONAL

Erasmus e Massaharu Taniguchi, além da crítica à pedagogia do castigo, procuram evidenciar a importância da educação para apresentar a nova proposta. Trata-se não de uma educação qualquer, mas sim de uma educação ‘verdadeira’, harmoniosa, com bases e procedimentos divergentes da que foi criticada. Antes do mais, eles entendem que há alguns descuidos por parte dos pais e professores perante a educação de suas crianças. Essas negligências acabam por acometer o desenvolvimento do corpo e mente pueril e, por isso, devem ser suprimidas. Só assim, poder-se-á colher os frutos da verdadeira educação.

As negligências com a educação das crianças, apontadas por Erasmus e Massaharu, são variadas. Há casos de pais que pouquíssimo se preocupam com a educação de seus filhos, outros erram por conta dos demasiados cuidados. Uns alegam falta de tempo, outros se mostram mesquinhos em investirem na educação. Não se dão conta que na educação da criança deve haver harmonia seja entre o desenvolvimento do corpo e o da mente, entre o bem material e o bem espiritual, seja entre os educadores e suas crianças.

A harmonia entre o corpo e a mente é essencial para que se tenha uma vida saudável. É o que acreditam Erasmus e Massaharu Taniguchi. Aplicar atividades para o desenvolvimento do físico da criança é oportuno, preocupar-se com a vitalidade do corpo, averiguando a necessidade de medicamentos também, pois “uma infância sem cuidados condiciona adultos para uma velhice enferma e sujeita a outras aflições, se é que até chegam” (ERASMO, 2008a, p. 29). No entanto, se preocupar somente para essa condição, dos tratos com o corpo, não basta. Erasmus acredita que é indispensável zelar pela mente da criança, assegurando instruções para o bem estar mental. A favor disso, recomenda, inclusive, que se escolha um preceptor apto, de bom caráter, para que se possa, paralelamente com os cuidados com o corpo, garantir o desenvolvimento intelectual da criança:

[...] debes, desde logo, procurar um homem de bons costumes e de caráter meigo, dotado de conhecimentos invulgares, a cujo regaço possas confiar teu filho como à nutriz de seu espírito a fim de que, a par do leite, sorva o néctar das letras e, assim divididas, por igual, os

cuidados entre as amas e o preceptor de sorte que aquelas lhe fortificam o pequeno corpo com o melhor dos sucos enquanto este zela pela mente, subministrando ensinamentos salutareos e honestos (ERASMO, 2008a, p. 26)

Massaharu também considera fundamental a harmonia entre o corpo e a mente. Para o desenvolvimento da habilidade é essencial, a par do equilíbrio entre o trabalho e a diversão, a vista do crescimento perfeito, a preocupação com a educação física e a educação mental: “Para a vida do ser humano são indispensáveis a harmonia entre a diversão e o trabalho e a harmonia entre os elementos mentais e os físicos” (TANIGUCHI, 1989, p. 154). Ressalta que a diversão não deve somente desenvolver o físico da criança, as atividades recreativas devem se ater também em aprimorar o intelecto da criança: “[...] devemos proporcionar-lhe brincadeiras que exijam o uso da inteligência e da energia física ao mesmo tempo” (1989, p. 153).

Vale lembrar que o excesso de informações, uma prova de falta de harmonia, é reprovado tanto por Erasmo quanto por Massaharu Taniguchi. É a crítica de não “entupir” de informações a cabeça da criança. Assim, na grande importância que ambos concedem às atividades que promovam o desenvolvimento do intelecto da criança, é a harmonia que se preconiza: “O certo mesmo é evitar toda e qualquer dificuldade desnecessária ou intempestiva” (ERASMO, 2008a, p. 116). “Deve-se evitar uma atividade que exija excessivo esforço mental e que faça a pessoa perder o espírito alegre” (TANIGUCHI, 1989, p. 153).

Assim, para que seja graciosa a tarefa de estudar e, conseqüentemente, favoreça a vitalidade mental da criança, Erasmo e Massaharu recomendam que, ao empregar alguma atividade disciplinar, inicie-se pelo mais elementar, aí, gradativamente, para o mais complexo. As palavras de Erasmo são:

[...] ao principiar o ensino, tenham preferência as regras mais importantes e as mais simples. Hoje, quanta tortura não aturam as crianças, quando se defrontam com dificuldades espinhosas no aprendizado dos nomes das letras antes de lhes distinguir o formato, sendo, entremontes, constringidas a aprenderem, de par com as flexões dos substantivos e dos verbos em seu respectivo casos, modos e tempos, na correspondência com a mesma palavra (ERASMO 2008a, p. 116).

Erasmo faz uma analogia com o ato de alimentar, que ilustra o conselho:

Tal como alimento em pequenas porções e em doses repetidas nutre os pequenos corpos assim também a mente inocente da criança, mediante

ensinamentos correlatos entre eles, mas ministrados de modo gradativo, à guisa de brincadeira e aos poucos, vai predispondo a mente para conteúdos mais ricos. Entrementes, a criança não sente fadiga porque doses pausadas iludem o senso de cansaço enquanto, no final, produzem o efeito desejado (ERASMO, 2008a, p.105).

Massaharu, a fim de justificar a ideia de que ensinar do mais fácil para o mais difícil é mais favorável, relata a experiência de um professor que, questionado pela incrível melhora no desempenho de seus alunos, resolveu verificar causa desse desempenho:

[...] o prof. Kurihara, apresentou o resultado de uma pesquisa feita junto aos seus alunos de sua classe que tiveram grande melhora no desempenho escolar. Ele os mandou redigir um trabalho no qual deveriam dizer como ocorreu essa melhora. A maioria desses alunos explicou que, primeiramente, empenhou-se em estudar as matérias mais fáceis e, como foi aumentando cada vez mais sua capacidade de assimilá-las, adquiriu autoconfiança e passou a se interessar seriamente também pelas demais matérias (TANIGUCHI, 1990b, p. 148).

A busca da harmonia também diz respeito à relação entre pais e filhos. Ela é indispensável para a construção de uma estrutura sólida de respeito entre eles. Respeitar a criança é mostrar desvelo pela educação e, ao mesmo tempo, não se deixar tomar pelo sentimento de apego, fazendo com que ela se torne dependente, sem autonomia para executar alguma tarefa.

Por isso, Erasmo faz crítica aos pais que fazem pouco de seus filhos ao se preocuparem mais com o trabalho do que com a educação deles: “[...] como não ver um comportamento perverso e contraditório naqueles que se empenham, com muito afã, no cultivo das lavouras, na edificação de casas, na criação de cavalos [...], mas ocupam-se, muito de leve, em instruir e educar os próprios filhos, aos quais, no entanto, tudo se destina” (ERASMO, 2008a, p. 27-28). Negar a educação é, para ele, pior que crime dos infanticidas, pois, mata-se a alma da criança: “[...] pecam com maior gravidade porque, sobre descuidarem da educação, infestam a inocente e frágil cabeça da criança com iniquidades de modo a fazê-la aprender elementos do vício, já antes de ter noção do mal” (ERASMO, 2008a, p. 45)

Massaharu também tece críticas aos pais que descuidam com a educação de seus filhos, com a desculpa de estarem respeitando sua fase de criança:

[...] existem pais que, obedecendo a banal expressão ‘deixe a criança ser criança’, permitem que seus filhos se tornem marginais e destrutivos. Esses [...] não são pais que amam verdadeiramente seus filhos. Naturalmente, a criança deve agir como criança, mas isso não quer dizer que ela deva canalizar sua energia vital para tendências agressivas e destrutivas (TANIGUCHI, 1989, p. 146).

Isto porque Massaharu acredita que o papel dos pais é muito importante na educação de seus filhos. Não se deve omitir o seu papel com a desculpa de estarem respeitando a fase da criança, pois se não se canaliza essa energia vital dela no sentido de percorrer o caminho certo, ou seja, se não educá-las, o resultado será adverso. É preciso reconhecer que: “Entre os desejos da criança estão misturadas ‘ervas daninhas’ que, se não forem removidas, dificultarão o desenvolvimento das qualidades que poderão dar belas flores e bons frutos” (TANIGUCHI, 1989, p. 180). Os pais devem, pois, acompanhar a educação dos filhos na direção do bem, cuidando para que as vontades perniciosas, os vícios advindos do egoísmo, as “ervas daninhas” não se alastrem, pois: “Mesmo que plantemos sementes de lindas flores e esperemos vê-las germinar e crescer viçosamente, nossa esperança será frustrada se as ervas daninhas se alastrarem e impedirem o crescimento das plantas floríferas” (TANIGUCHI, 2007, p. 49-50).

Ao mesmo tempo em que Erasmo e Massaharu Taniguchi acreditam que o descaso com a educação dos filhos seja prejudicial à formação da boa índole da criança, os cuidados em demasia também são vistos como prejudiciais, pois acabam por tolher a criança e tornarem-nos propensos a serem mimados. Para Erasmo, o excesso de zelo é um ‘crime’ contra o espírito da criança:

Que coração materno é essa mulher que segura, em seu regaço, a criança aos sete anos como se fosse boneca? Se necessita de tanto prazer para se divertir, que então adquira macacos ou cadelinhas de Melita. [...] Bem pouco se apercebem de quanto aquela flacidez prolongada torna rígida e intratável a ação educativa por parte do preceptor. Sim, até chamam isso de indulgência ou liberalidade. Melhor fora chamar de corrupção mesmo (ERASMO, 2008a, p. 47).

Massaharu, igualmente, acredita tratar-se de uma agressão o zelo em demasia, neste caso, a cobrança excessiva de êxito por parte dos filhos: uma agressão contra a liberdade: “Muitos pais, ciosos de sua imagem perante os outros, vivem ‘cobrando’ êxitos de seus filhos, e acabam cerceando-lhes a liberdade inata com seu egoísmo, ambição e vaidade. Tal atitude é uma agressão contra os filhos [...]” (TANIGUCHI,

1993, p. 48). As preocupações doentes dos pais com seus filhos também são seus alvos de crítica, pois confinam a força, a inteligência e o amor latentes nas crianças. Ele acredita que, até mesmo numa situação de fraqueza dos filhos, os pais devem dizer 'não', se for o caso de essa opção ser verdadeiramente benéfica: “Quando a pessoa ainda estiver num estado mental em que a ajuda só contribuirá para prejudicá-la, aumentando-lhe o espírito de dependência, não a auxiliamos, mesmo que ela esteja com dificuldade” (TANIGUCHI, 1990b, p. 144-145).

Erasmus e Massaharu acusam, além disso, o pouco investimento dos pais com a educação de seus filhos. Um dos investimentos é o tempo. Há pais que alegam terem pouco tempo a dispor para educar seus filhos, ou por conta de darem preferência ao trabalho ou outra motivo menos louvável, se omitem da função. Assim, adverte Erasmo: “O tempo é suficiente para todos os afazeres, posto que usado com a devida frugalidade. O dia se torna curto quando desbaratamos a maior parte das horas” (ERASMO, 2008a, p. 78)³. E, Massaharu Taniguchi: “Mães, não aleguem falta de tempo. Não digam que não há condição. Quando se busca seriamente, o caminho se abre infalivelmente” (TANIGUCHI, 1989, p. 190).

Tanto Erasmo como Massaharu defendem a primazia da educação do espírito da criança sobre a busca de bens materiais. Eles acreditam que não se deve educar valorizando os bens materiais em detrimento dos bens do espírito: “[...] pais pela metade são todos quantos provêem até em excesso o necessário para o bem estar material do filho sem, no entanto, diligenciarem em lhes ornar a personalidade com conhecimentos honestos” (ERASMO, 2008a, p. 37). Para Massaharu, a verdadeira felicidade não pode ser encontrada nos bens materiais sem que haja o crescimento espiritual. O dinheiro, as riquezas devem estar a favor da felicidade do próximo, ou do aprimoramento espiritual de si (na verdade, esta é uma consequência da primeira) do contrário, de nada adiantam os bens materiais: “[...] devemos ter como meta valores eternos, como a elevação do caráter e a nobreza da alma, em vez de perseguirmos valores materiais que se deterioram e acabam desaparecendo” (TANIGUCHI, 2008, p. 21). Pois: “Mesmo que se decore a casa com belos móveis e se mantenha um grande

³É bem ilustrativo o título dado por Feracine, tradutor de Erasmo, à sub-seção que encabeça esse trecho: “Não falta tempo para o que merece nosso apreço”.

estoque de remédios caríssimos para a eventualidade de ocorrer alguma doença, isso não trará felicidade à família [...]. A verdadeira iluminação do lar e a conseqüente (sic) felicidade da família só podem ser alcançadas a partir da base espiritual” (TANIGUCHI, 1989, p. 94).

Deveras, Erasmo e Massaharu acreditam que a maior herança que se pode deixar aos filhos não se reduz às riquezas materiais, mas consiste em proporcionar uma educação aprimorada sem a qual a riqueza material só será prejudicial. Para Erasmo: “Se ajustares tais bens para pessoa devidamente educada, entrega-lhes instrumento de virtude; se, ao invés, caem em poder de indivíduo desinformado e rude, que fizeste a não ser municiá-lo de recursos para a malversação e os vícios?” (ERASMO, 2008a, p. 33). Para Massaharu: “É muito comum os filhos de famílias muito ricas tornarem-se homens medíocres. Isto porque eles contam sempre com o dinheiro e a posição social da família, e nada realizam com sua própria força” (TANIGUCHI, 1990b, p.149).

Para ambos, é dever dos pais e educadores indicar as atitudes corretas a serem tomadas. Assim, também, como a desculpa de falta de tempo, muitos pais falham ao corrigirem seus filhos sem, no entanto, indicar-lhes a conduta correta a ser tomada. Segundo Erasmo “Assim procede a maioria dos pedagogos que se limita a castigar por faltas cometidas, mas omite-se em instruir o educando no modo de agir corretamente” (ERASMO, 2008a, p. 103). A exemplo: a criança “[...] quando apresenta comportamento inconveniente à mesa, deva ser advertida e, em seguida, ser indicada qual atitude correta” (ERASMO, 2008a, p.67). O que é equiparável ao pensamento de Massaharu, ao que já foi exposto, intera-se: “Atualmente, são poucas os pais e educadores que explicam às crianças as razões das coisas. Muitos até impõe despoticamente uma determinada conduta e, quando não são obedecidos, recorrem à violência e à punição” (TANIGUCHI, 2007, p. 131). Ele aconselha que se deva procurar manter com o filho diálogos calmos e afetuosos e argumenta: “É duplamente proveitoso explicar à criança, com afeto e brandura, o que é correto e o que é errado, pois, de um lado promove nela o desenvolvimento da capacidade de reflexão e de raciocínio, e, do outro lado, faz com que ela cultive a docilidade necessária para aceitar sem queixas o que é correto” (1993, p. 96).

Outro elemento importante do novo método educacional proposto por Erasmo e Massaharu é o pressuposto de que é natural ao homem ser bom.

A natureza do homem é um tema que se estende desde o ramo da filosofia, da teologia à sociologia, à psicologia, cada qual com a sua visão sobre a natureza. Entende-se por natureza aquilo que é comum em cada espécie, assim, para Erasmo e Massaharu Taniguchi, a razão é natural ao homem, é o que o diferencia de outros animais. Mas, para além dela, ambos acreditam na divindade do homem, a natureza do homem se entende partir da natureza divina.

Segundo Erasmo cada animal nasce para alguma finalidade, “[...] o cão nasce para caçar, a ave para voar, o cavalo para caminhar, o boi para arar, assim o homem nasce para o bom senso e para as ações honestas” (ERASMO, 2008a, p. 50). De modo que: “[...] o homem capta, sem grande esforço, os parâmetros da virtude e da honestidade. Com sua força, a natureza deposita nele algumas sementes poderosas de sorte que a função do educador vai ao encontro daquela predisposição” (ERASMO, 2008a, p. 50-51). Apesar da tendência do homem voltar-se para o bem, a deseducação tornará dificultoso o caminho para a virtude: “A pouca docilidade da criança para as coisas boas deve-se ao fato de ter sido, anteriormente, predisposta para a devassidão” (ERASMO, 2008a, p. 56).

Massaharu também compartilha do princípio de que o homem é bom por natureza: “[...] todo ser humano é essencialmente bom; portanto, qualquer pessoa manifesta sua natureza original benigna desde que nada a impeça de agir segundo essa natureza” (TANIGUCHI, 1990b, p. 57). Acrescenta o que entende por ‘bem’: “[...] não é um rótulo que se coloca em determinados atos isoladamente, e sim o aspecto harmonioso com que se manifesta cada elemento em relação ao todo” (TANIGUCHI, 1990b, p. 74) E, a natureza humana se afigura ao divino: “[...] no interior do ser humano existe uma mina infinitamente mais rica do que qualquer mina do subsolo, ou seja, a mina inesgotável que é a ‘natureza divina’” (TANIGUCHI, 1990b, p. 11).

Outra característica considerada como inata ao ser humano são os dons, a habilidade para alguma coisa. Isso é confirmado por Erasmo: “A natureza implica também algo peculiar e inerente no indivíduo. Assim se diz: uns são nascidos para os estudos matemáticos, outro para a teologia, este para a retórica e poesia, aquele para a

milícia” (ERASMO, 2008a, p. 63). É vantajoso, pois, respeitar a aptidão que cada um tem: “Tal como a navegação decorre mais tranqüila (sic) quando o vento e as ondas favorecem, assim, mais facilmente, como instruídos naquilo para o qual a inclinação do espírito nos conduz” (ERASMO, 2008a, p. 65). Forçar a inclinação da criança visando benefícios egoísticos e pouco se atentar para o que realmente é propício à criança é um desperdício: “Coisa intolerável! São lamúrias de indivíduos que prezam mais o lucro do que o aproveitamento das crianças” (ERASMO, 2008a, p. 99).

De igual modo, Massaharu adverte: “Aquele que, com base nas vantagens profissionais, tenta desenvolver a habilidade da criança num setor para qual ela não tem vocação, infringe a lei da Vida. É profundamente significativo o fato de as pessoas serem dotadas cada qual com um determinado dom” (TANIGUCHI, 1989, p. 148-149). Sendo assim: “Em primeiro lugar, devemos descobrir a aptidão ou habilidade natural da criança e em seguida fazer com que ela empregue sua incontida energia no sentido de desenvolver ainda mais sua habilidade” (TANIGUCHI, 1989, p. 148).

Acrescenta-se o fato de que, embora a natureza humana dirija a criança para o bem e a favoreça com dons, se não houver esforço para desenvolver tais virtudes, não haverá crescimento. Para Erasmo o homem tem até mesmo propensão para aprender, aliás, o aprender é o que lhe faz distinto dos animais selvagens, no entanto, se não existir o esforço, o homem se torna um animal inútil (ERASMO, 2008a, p. 31-32). Na sátira de Erasmo, também é possível certificar-se da necessidade da diligência em aprimorar o que a natureza concedeu ao homem, do contrário assemelhar-se-á com um animal qualquer. Diz *a Loucura* que ela “[...] chegava à conclusão que o homem era o mais funesto de todos os animais, porque todos os outros se contentam em viver nos limites de sua natureza, enquanto só o homem se esforça por ultrapassá-los” (ERASMO, 2008c, p. 62). A propósito disso, os educadores têm função essencial: “[...] vou mostrar o relho para malhar as laterais do teu filho: ‘O trabalho duro vence todos os obstáculos’, proclama o poeta [Virgílio]. Eis então. Vigiem, encareçamos, insistamos, exigindo, reiterando e inculcando. É como o bastão dessa espécie que se bate nos lados de nossos filhos” (ERASMO, 2008a, p. 98).

Atravessando os tempos, pode-se perceber a aproximação da ideia sobre a indispensabilidade do esforço em Massaharu Taniguchi: “Na música, na literatura, na

pintura e em qualquer ramo da arte, são necessários esforço e esmero para expressar o belo ou as ideias que brotam do interior. É através de treinamento constante que a pessoa aumenta sua habilidade” (TANIGUCHI, 2007, p. 27-28). Mais a frente, completa: “Para se tornar um gênio, é realmente necessário esforço. Não basta ter inspiração. Somente as pessoas que se esforçam com entusiasmo é que chegam a expressar com perfeição uma inspiração” (TANIGUCHI, 2007, p. 28). E conclui que, para desenvolver a capacidade inata da criança, cabe aos educadores suscitar esse esforço, crendo nelas, incentivando-as e apoiando-as:

Portanto, devemos educar as crianças de tal modo que não se tornem pessoas conformadas com a relativa perfeição de seus trabalhos, mas, sim, pessoas que se esforçam até o fim, até que sua consciência fique satisfeita. Assim, o ser humano se desenvolverá com maior perfeição, e a cultura da humanidade também (TANIGUCHI, 2007, p. 29).

O novo método educacional proposto se assenta, antes de tudo, na importância atribuída, tanto por Erasmo quanto por Massaharu, à educação. E esta importância se concretiza nas vantagens que ela oferece.

Nesse sentido, Erasmo acredita que, desde que ministrada de maneira correta, a educação proporciona variados benefícios, do aprimoramento pessoal à saúde: “Seria de recordar que nada melhor do que a sabedoria aliada à instrução para se conquistarem riqueza, dignidade, poder e mesmo boa saúde, coisas essas tão suplicadas aos céus para os filhos” (ERASMO, 2008a, p. 34).

Mas, o grande benefício da educação consiste em alcançar a felicidade. Erasmo diz que “[...] o primeiro, o segundo e o terceiros passos para se alcançar o ápice de toda a felicidade consistem na reta instrução e na autêntica educação” (ERASMO 2008a, p. 31). A par disso, a *Loucura*, tentando convencer a todos de que ela é a única responsável pela felicidade, contrariando a opinião dos filósofos, ironiza a ignorância humana:

Parece-me ouvir alguns filósofos reclamando: ‘Sem dúvida, é uma grande desgraça que alguém seja mantido, pela Loucura, na ilusão, no erro e na ignorância’. Não, estão totalmente enganados, pois é justamente nisso que consiste ser homem. Não vejo porque chamam de desgraça o fato de ter nascido assim, de ter sido criado e educado conforme a condição comum (ERASMO, 2008c, p. 59)

Veza que se entenda a sátira como uma censura jocosa, pode-se perceber que Erasmo denuncia a ignorância, entendendo-a como algo negativo a ser positivado pela educação, atingindo-se, assim, a felicidade.

Sobre a verdadeira educação, Erasmo cita a fala de Micião⁴, “[...] o pai [...] habitua o filho ao pudor e à liberdade de sorte a comportar-se honestamente de modo espontâneo e não por temor de castigo, sendo sempre o mesmo quer esteja na presença paterna, quer não” (ERASMO, 2008a, p. 90).

Massaharu pensa de maneira muito próxima à de Erasmo, ao afirmar que mesmo que possa parecer a mesma coisa alguém fazer boa ação por medo do castigo e praticar o bem por amor ao bem, não o é, pois o primeiro é um escravo e o segundo um ser independente (TANIGUCHI, 2007). Verifica-se que os dois acreditam que a verdadeira educação consiste em fazer com que a criança proceda não por medo do castigo, mas, naturalmente, por amor ao bem.

Massaharu não vê a educação somente sob o aspecto da sala de aula, de notas, diplomas “É premente corrigir o vício social de valorizar excessivamente o diploma. Que tem a ver o currículo escolar com o valor do homem?” (TANIGUCHI, 1989, p. 188). Ou:

Educar não é simplesmente reunir alunos num estabelecimento de ensino, para fazê-los lerem pilhas de livros didáticos e decorarem lições dadas em classe, mas sim desenvolver nos alunos algo muito mais valioso: a verdadeira sabedoria que lhes possibilitará conduzir-se bem em qualquer circunstância da vida. Por maior que seja a dificuldade em que nos encontremos, nossa Vida não se deixa abater; pelo contrário, fortalece e se desenvolve (TANIGUCHI, 1993, p. 54).

Numa metalinguagem, Massaharu Taniguchi apresenta que: “Em última análise, Ética é o estudo dos valores humanos, e a Pedagogia é o estudo de ‘como fazer o indivíduo exteriorizar esses valores’” (TANIGUCHI, 1990a, p. 159). Pode-se verificar, em vários momentos, que esses valores humanos são valores divinos. Por exemplo, quando ele utiliza ‘Vida’ para denominar o homem vivendo sob os valores divinos, tal qual segue a sua pedagogia: “**Educação da Vida** é uma pedagogia que consiste em extrair do interior do homem a Vida, que é dotada de potencialidade infinita” (TANIGUCHI, 1989, p. 5, grifos do autor). Também se pode verificar no excerto em que

⁴ Micião: um velho, irmão de Dêmea, na peça cômica *Os Adelfos*, de Terêncio. Ele é o irmão afável, em oposição a Dêmea, o irmão intratável.

fala sobre a máxima importância que é a educação das crianças: “Nada é mais importante do que a educação das crianças, que é uma das obras de Deus, uma obra para a formação de grandes anjos destinados à construção do paraíso terrestre” (TANIGUCHI, 1989, p. 189).

Constata-se que o paraíso terrestre se constrói pela educação, por meio de valores divinos e tarefa do professor, desde que se extraia o dom da criança de fazer o bem, um ‘bem’ que parte do interesse individual, mas, com o objetivo de obter o bem comum, não egoístico: “Ensinem que elas [as crianças] vieram ao mundo não somente por interesses próprios, mas principalmente porque receberam de Deus a grande missão de aumentar a felicidade e o brilho de toda a humanidade” (TANIGUCHI, 1989, p. 205). Para confirmar tal assertiva: “Despertando o desenvolvimento os dons naturais da criança, o professor estará beneficiando o indivíduo, a sociedade, o país e a humanidade. Esta é a grande missão dos educadores” (TANIGUCHI, 1990a, p. 27).

Como já apresentado na seção anterior, e nesta corroborado, a utilização do método baseado no castigo é largamente criticada por Erasmo e Massaharu Taniguchi, vez que nada tem a contribuir para o desenvolvimento do aluno, muito pelo contrário, é prejudicial e pode acarretar danos irreparáveis. Como apresentado nesta seção, existem negligências que devem ser eliminadas, pois desarmonizam os elementos que compõem a educação. Além do mais, deve-se direcionar a criança para o desenvolvimento de suas habilidades inatas e os valores do bem, do divino nela impressos. A educação tem seu valor em si. Destarte, a escolha do método é que influencia nos resultados positivos ou negativos, no alcance ou não dos objetivos da educação. Cabe, portanto, a aplicação de um método novo, para uma nova educação.

5 CARACTERÍSTICAS PEDAGÓGICAS COMUNS ENTRE ERASMO E MASSAHARU TANIGUCHI

Ao aproximar o método proposto por Erasmo e Massaharu Taniguchi, pode-se levantar algumas características similares. Além do que foi exposto, existem três características que se destacam na pedagogia dos dois. A primeira é o valor que ambos dão às idades iniciais da criança. Essa fase é, para eles, a idade mais propícia e eficiente para receber a educação. A segunda característica é a importância do educador, seja pais ou professores, ser bom exemplo para suas crianças, posto que ela tem propensão para imitar. A terceira refere-se ao método que substitui o do castigo, centrado no incentivo da criança, no elogio, como grande artifício para esse fim, e no sentimento de amor recíproco, em que o educador ame a criança para ser amado e, a partir disso, obtenha um aliado para uma educação respeitosa e verdadeira.

5.1 A EDUCAÇÃO DESDE A TENRA IDADE

Erasmo e Massaharu Taniguchi afirmam que os primeiros anos da criança são os mais profícuos para se iniciar o processo de educação. O tempo para eles é de extremo valor, e por tal razão não deve ser desperdiçado.

Para Erasmo o tempo é o investimento do qual advém os mais abundantes resultados, de modo que, se iniciar qualquer empreitada o quanto antes, melhor: “[...] nenhum investimento é mais frutífero do que o tempo e nenhuma posse mais rendosa do que a cultura. Nunca se principia cedo demais o que jamais tem termo de chegada. Enquanto vivermos, estaremos sempre obrigados a aprender” (ERASMO, 2008a, p. 121). Em se tratando da educação do homem, ele acredita que “[...] a primeira fase da vida é tida como a mais auspiciosa. Por isso há de ser administrada com a maior avareza.” (ERASMO, 2008a, p. 121). Massaharu Taniguchi também confere ao tempo algo de muito precioso, devendo ser de todo proveitoso, vivificando cada instante. No tópico ‘Modus vivendi que vivifica o agora’ aplicado à educação, diz que se deve

valorizar o agora, pois: “No ‘agora’ está a chance para melhorar todo e qualquer aspecto da vida” (TANIGUCHI, 2007, p. 11).

O tempo deve ser valorizado na educação da criança, é o que certificam Erasmo e Massaharu Taniguchi. Assim, a educação iniciada desde cedo, confere à figura dos pais um papel muito importante nesse processo, pois representam os primeiros educadores da alma pueril.

Para Erasmo, tomando exemplos do passado, as nutrizes, somando-se aos pais, exercem essa função, que se principia pela fala, uma das primeiras habilidades aprendida pela criança: “Dado consistir a primeira fase de instrução pueril em aprender a falar de modo claro e correto, aí, realizaram, no passado, apreciável colaboração as nutrizes e os pais” (ERASMO, 2008a, p. 73). Mais além, aconselha que: “[...] de maior acerto mesmo, seria que os próprios pais capacitassem a si mesmos para a área das letras e, assim, transmitissem ciência para seus filhos” (ERASMO, 2008a, p. 78). Massaharu Taniguchi aproxima-se dessa ideia: “[...] a formação básica deve ser dada às crianças pela mãe, no lar, desde o berço, durante a idade pré-escolar e mesmo enquanto cursam o primário” (TANIGUCHI, 1989, p. 190).

Erasmo estabelece algumas analogias para mostrar o motivo da facilidade de se aprender enquanto novo. É devido, pois, a maleabilidade da criança: “Manuseia a cera enquanto mole. Modela a argila enquanto úmida. Enche o vaso de bons licores enquanto novo. Tinge a lã quando sai nívea do pisoeiro e ainda isenta de manchas” (ERASMO, 2008a, p. 40); Também a analogia com a árvore leva a perceber o quanto é pertinente a educação desde tenra idade, apesar da criança, ainda pequena, aparentar frágil, é capaz de se tornar uma grande árvore: “[...] árvores gigantes estão ocultas em minúsculas sementes. Que profusão de frutos, quando elas se desenvolvem. Toda aquela profusão se perde a não ser que jorges a semente no sulco; que cuides do broto em via de enrijecimento; que o domes até com enxertia” (ERASMO, 2008a, p. 52).

O que pode ser comparado a Massaharu Taniguchi, como na afirmação seguinte: “Se alguém pretende desenvolver as potencialidades de uma criança, deve fazer o máximo para estimulá-las, cultivá-las e extraí-las na fase em que estão propensas a se manifestar natural e espontaneamente” (TANIGUCHI, 2007, p. 11).

Quanto mais se estende o início da aprendizagem, mais difícil e mais penosa ela se torna. Não é vantajoso, por isso, adiar o que se pode iniciar desde cedo, pois isso equivale a um desperdício irreparável: “[...] idade mais avançada é renitente para certo tipo de aprendizagem. O que não se duvida é que nenhuma idade por ser prematura, seja imprópria para a instrução, máxime no que diz respeito àquelas coisas afins da natureza humana.” (ERASMO, 2008a, p. 69). O que é natural ao homem, os valores do bem, a habilidade para alguma atividade, são ainda mais vantajosos de ensinar na idade tenra, ao passo que, se ensinado quando adulto, haverá maiores dificuldades: “[...] naqueles primeiros anos, com facilidade, aprendem-se coisas que só a duras penas os adultos dominam. De fato, aprende-se sem pensar o que foi aprendido no tempo oportuno” (ERASMO, 2008a, p.120).

Massaharu compartilha da mesma ideia de que “Nunca é cedo demais para você começar a educar uma criança” (TANIGUCHI, 1989, p. 144). E haverá um dispêndio de tempo se não conduzir os ensinamentos na idade tenra. Pois a criança tem facilidade para o que lhe predispõe, principalmente, como dito, aquilo que lhe é natural: “Se for adiado para amanhã o desenvolvimento que lhe deve ser proporcionado hoje, ela [a criança] sofrerá um atraso proporcional ao tempo adiado” (TANIGUCHI, 1989, p. 144-145). Ele apresenta, para tanto um meio que permite aplicar os preceitos no momento oportuno, o método consiste em: “[...] atender aos anseios que brotam do interior da criança, desde tenra idade, ensinando-lhe sobre cada objeto e fato que for conhecendo, para que possa assimilá-los conscientemente” (TANIGUCHI, 1993, p. 68-69).

Além do mais, quando não se aprimora aquilo que a criança tem de inato - a propensão para o bem e a aptidão para alguma área do saber, já que se considera uma necessidade a criança aprender algo - o espaço vazio que fica será preenchido por elementos nocivos, prejudiciais à saúde do corpo e da mente. É o que afirma Erasmo: “Não sendo [a mente infantil], logo de princípio, enriquecida com ensinamentos frutíferos, cobre-se de vícios.” (ERASMO, 2008a, p. 122) e “Faze-o [teu filho] aprender as primeiras noções antes que a idade fique menos dúctil e o ânimo mais propenso aos defeitos ou até mesmo infestado com as raízes de vícios tenacíssimos.” (ERASMO, 2008a, p. 26).

Para Massaharu Taniguchi, a criança possui uma fonte inesgotável de energia que necessita ser empregada para algum fim, de modo que, se não se direcionada a constante energia, ela poderá se reverter para o lado negativo, como agressões, maldades e destruições: “A criança é cheia de vitalidade, não consegue ficar parada, precisa estar sempre em atividade. Isto porque a essência da vida é atividade. É preciso que essa vida ativa seja orientada no sentido de percorrer o caminho certo. Isto é a educação” (TANIGUCHI, 1989, 145). Semelhantemente a Erasmo, ele acredita que se deve iniciar o quanto antes os dons, aproveitando-se assim a energia para o aprimoramento da criança e, não tendo que, talvez, perder o tempo ainda em consertar o que se aprendeu de errado: “A educação, quanto mais cedo melhor é, contanto que seja ministrada de modo adequado. Devemos saber que a vida pode crescer todos os dias, sem parar. Se for adiado [...] desperdiçará a palpitante energia interior destinada ao desenvolvimento” (TANIGUCHI, 1989, p. 144-145).

Essas são algumas das ponderações entre as muitas que Erasmo e Massaharu Taniguchi tecem a respeito do tema, como assunto principal ou amarrando-o a outros. Elas endossam a importância de se ministrar os conhecimentos salutares e exteriorizar aquilo que é inerente à criança desde tenra idade. Deve-se aproveitar todo tempo possível, sem desperdício.

5.2 A IMITAÇÃO

Outra característica comum entre a pedagogia de Erasmo e Massaharu Taniguchi consiste no entendimento de que é inerente à criança a predisposição para a imitação. Percebe-se isso na afirmativa de Erasmo de que: “[...] a natureza prendou a criança de todo gosto pela imitação de tal sorte que tudo quanto ela vê e escuta, tenta, em seguida, reproduzir, comprazendo-se no sucesso” (ERASMO, 2008a, p. 69). E, em Massaharu Taniguchi: “As crianças possuem a tendência natural de imitar os outros” (TANIGUCHI, 1989, p. 177).

Além do mais, engana-se quem pensa que a criança, ainda pequena, não entende o que passa ao seu redor. Pelo contrário, ela as grava da memória. Erasmo

acredita que, a par da 'imitação: “Coisas vistas, na época da infância, estão gravadas na memória [...]” (ERASMO, 2008a, p. 75). Massaharu também acredita que “[...] todos os fatos gravados na mente da criança durante a infância jamais são totalmente esquecidos” (TANIGUCHI, 1993, p. 83-84). É um erro duvidar da capacidade da criança para entender sobre os fatos, mesmo não compreendendo toda a situação, esta virá à tona sob o efeito da boa memória infantil.

Desse modo, a criança tem mais facilidade para aprender aquilo que ela vê, observa, do que com o que lhe ensinam com explicações. Por isso, para Massaharu Taniguchi, antes de querer incutir certa índole na criança, é necessário ter uma boa índole, de modo que não se necessitará de muitos esforços para fazer a criança aprender: “Elas têm forte inclinação para observar e fazer o que os outros fazem habitualmente, em vez de fazer o que lhes ensinam. Quem lida com as crianças deve, portanto, demonstrar em seus próprios atos as qualidades, os procedimentos, os hábitos etc. que deseja para a criança” (TANIGUCHI, 1989, p. 177). A somar: “[...] é muito melhor proceder com uma conduta exemplar do que dar ordens. É essencial que sejam dados às crianças bons exemplos de corretas atitudes” (TANIGUCHI, 1990a, p. 54)

Para Erasmo, as companhias da criança exercem forte influência na sua educação. Por assim dizer, as pessoas que mantêm maus hábitos, sendo presença perto da criança, tornam-se maus exemplos para ela, a par de que na idade tenra, muito fértil para a aprendizagem, o seu extinto de imitar fará com que ela aprenda as porções dos vícios:

Tal como pequeno vício, se costumeiro, ganha proporções, assim, miúdos atos de bondade, tornando-se habituais, adquirem relevância na linha do bem.

Efetivamente, aquela tenra idade é receptiva para tais atitudes. Por natureza, ela é maleável para todo tipo de bom comportamento, desde que não seja infestada por vícios de espécie alguma. Aliás, ela se compraz em imitar. Basta dar-lhe ocasião (ERASMO, 2008a, p. 68).

Os pais, visto que são companhias mais frequentes na vida do filho, são advertidos por Massaharu para que se atentem em serem bons exemplos de conduta, pois de nada adiantará as repreensões, que por sua vez, como já visto, é método nada aconselhado:

[...] de nada adianta os pais tentarem melhorar os filhos repreendendo-os pela má conduta, se eles próprios vivem dando maus exemplos. Isso só contribuirá para gerar sentimento de revolta nos filhos. Se os pais derem bom exemplo de boa conduta na vida cotidiana em vez de repreender os filhos pelo mau comportamento, estes acabarão por imitá-los e passarão a levar uma vida correta, devido ao instinto de imitação, que é uma das características acentuadas do ser humano (TANIGUCHI, 1993, p. 81-82)

Massaharu se dirige especialmente à mãe “Se as mães desejam que seus filhos tenham bom caráter, é importante examinarem a si próprias e melhorarem as suas próprias atitudes” (TANIGUCHI, 1990a, p. 54). Ele acredita veementemente na influência do caráter: “Constato o fato de que, na educação, a influência de caráter é o que atua mais amplamente, vencendo maior distância” (TANIGUCHI, 1990b, p. 78).

Erasmus também adverte quanto à influência das companhias podendo elas ser positivas ou negativas: “Que contemplem os exemplos daqueles que abeberaram, na fonte da educação, glória altaneira, riqueza, altivez e autoridade. Ao contrário, vejam os exemplos daqueles nos quais os maus hábitos esculpiram um espírito vazio de entendimento. Isso só lhes reverteu em infâmia, desprezo, pobreza e ruína” (ERASMO, 2008a, p. 98). Pelo exposto, se entende a importância que Erasmo atribui à escolha do pedagogo, como já mencionado.

Compreende-se, então, a relevância que Erasmo atribui à escolha do preceptor, que aproveite positivamente da capacidade de imitação da criança, da estima que Massaharu Taniguchi tem pelo papel dos pais, bem como a importância de se ter boas companhias, uma vez que ambos consideram o pendor da criança para imitar, visto, dessa maneira, como um potencial meio de a criança aprender.

5.3 A PEDAGOGIA DO AMOR, DO ELOGIO E INCENTIVO

Visto que a repreensão não é, de longe, meio para se educar a criança, seja ela castigos que flagelam o corpo ou mesmo palavras de censura, é necessário outro meio para educar, que realmente desenvolva as habilidades da criança.

Tanto para Erasmo quanto para Massaharu Taniguchi esse meio se assenta na força da palavra. No entanto, ao invés de palavras de repreensão, devem ser palavras

que estimulem a criança. Os dois acreditam que a palavra tem grande poder transformador, e deve ser usada acertadamente:

A educação das crianças é, pois, um trabalho grandioso, sagrado e divino, mas seu método básico é extremamente simples [...]. Ele se resume no emprego do poder da palavra. Por meio das palavras que trocamos com as crianças, imprimimos em sua mente os elementos necessários ao seu desenvolvimento (TANIGUCHI, 1989, p. 189).

Assim também, o benefício da palavra se estende para o desenvolvimento dos valores divinos da criança “Quer se trate da palavra falada ou escrita, quando consegue operar tamanha transformação na pessoa, constitui o mais eficiente meio de aprimoramento da alma” (TANIGUCHI, 1990b, p. 35). Do mesmo modo: “[...] com o poder da palavra, incutimos na mente da criança a convicção de sua natureza divina e sua capacidade ilimitada” (TANIGUCHI, 1993, p. 44).

Massaharu, no entanto, lamenta por quanto o poder da palavra é utilizada, não como elogio, não como incentivo, não com amor, mas de modo prejudicial: “É realmente grande o efeito benéfico das palavras de elogio. Elas são essenciais para iluminar a humanidade. Mas, lamentavelmente, há muita gente que vive falando mal dos outros, em vez de elogiar” (TANIGUCHI, 1990b, p. 31).

Também no âmbito da escola, é possível obter êxito utilizando as boas palavras:

[...] o comportamento e o desempenho escolar de uma criança podem melhorar ou piorar, dependendo das palavras que os pais, os professores e outras pessoas a seu redor usem ao lidar com ela. Se os educadores – sobretudo professores de ensino primário – conhecerem o correto modo de usar o poder da palavra e aplicarem em suas aulas, é certo que o comportamento e o desempenho dos alunos melhorarão substancialmente (TANIGUCHI, 1990b, p. 46).

Massaharu diz: “Desejo que os educadores consigam êxito no aperfeiçoamento do caráter e melhora do aproveitamento das crianças pelo uso do poder das boas palavras” (TANIGUCHI, 1990a, p. 33). E augura: “Doravante, a educação deverá extrair, com as palavras, somente boas qualidades. Assim procedendo, não há dúvida de que se conseguirão resultados surpreendentes” (TANIGUCHI, 1990a, p. 37).

Para Erasmo a força da palavra é maior na tenra idade: “Ensinas, no devido tempo, o papagaio a reproduzir os sons das palavras por saberes que, com o passar dos anos, ele se torna menos destro” (ERASMO, 2008a p. 30). Palavra que não deve ser feia, mas bonita: “Como pode ser mais agradável para um pai sério o gesto feio ou

a palavra imprópria em boca balbuciante de criança e não palavras bonitas ou imitações de atitudes graciosas?” (ERASMO, 2008a, p. 46). Palavra que às vezes quer dizer exatamente o que diz: “Foram tais, literalmente, suas palavras” (ERASMO, 2008a, p. 88). Mas, palavra que normalmente precisa ser interpretada: “Hoje, devemos interpretar aquelas palavras hebraicas de modo mais humano. Aliás, fosse para serem tomadas aquelas sentenças em sentido literal, então que pode haver de mais ábsono como ‘fletir a cabeça’ ou ‘malhar as laterais’ da criança?!”(ERASMO, 2008a, p. 97). Palavra que perde sua força quando: “A assiduidade de castigos debilita o corpo enquanto a mente fica insensível à força da palavra” (ERASMO, 2008a, p. 97).

Destarte, tanto Erasmo quanto Massaharu acreditam na ideia de que a palavra tem poder de mudar a criança tanto para o bem quanto para o mal. Por isso, em lugar da repreensão deve vir o incentivo, o elogio. Aliás, é vontade humana ser reconhecida, assim vale para a criança, desse modo, quando se elogia a criança, ela se sente reconhecida, e sentirá ânimo em fazer a atividade proposta. Ela irá querer agradar cada vez mais o professor ou a mãe, por confiá-los e respeitá-los.

Para Erasmo: “Deve-se lidar com o espírito tenro e grácil da criança tal como um filhote de leão. Só o jeito amansa os elefantes e não a força. Aliás, não existe animal tão feroz que não se renda ao bom trato. De mais a mais, não há animal tão manso que não fique furioso ante tratos imoderados” (ERASMO, 2008a, 89). Na verdade, educar consiste na arte de incentivar o educando. Ele apresenta várias técnicas de incentivo, por exemplo:

Os britânicos são fascinados pelo jogo do arremesso de flechas. É o que, de primeiro, ensinam às crianças. Razão pela qual certo pai, atento à preferência do filho, descobrindo nele habilidade incomum para o arremesso, comprou arco e flecha bonitas e incrustadas com letras coloridas. Colocava, no alvo, primeiro, as figuras em letras gregas e depois latinas. Ao atingir o alvo e pronunciar o nome da letra alvejada, além de aplausos, a recompensa era uma cereja ou outra coisa do agrado da criança (ERASMO, 2008a, p. 114).

Para Erasmo educar é a arte de incentivar o educando, aliciando para o bom caminho ou propondo medidas preventivas, evitando atos passíveis de punição. Diante do erro do aluno o professor em sua função de ensinar deve, não puni-lo com atos agressivos, e sim, ensiná-lo a fim de amar os estudos, aprendendo a ter receio em decepcionar o mestre (ERASMO, 2008a, p. 103-104).

Eis os verdadeiros estímulos na educação pueril: “[...] fortes estímulos para aguçar o espírito da criança. Vergonha e Louvor! Vergonha é receio de censura justa. Louvor é o pábulo de todas as artes. Estes dois excitantes hão de avivar o espírito da criança” (ERASMO, 2008a, p.98).

Porém, para Erasmo, o maior dos incentivos é o amor:

O primeiro grau de aprendizagem consiste no amor ao professor. Com o caminhar do tempo, a criança, que foi iniciada no amor ao estudo por causa do amor ao mestre, passa a amar o mestre por amor ao estudo [...] os estudos, enquanto ainda não podem ser apreciados por si mesmos, ficam encarecidos pelo afeto que se devota aos mestres [...] aprende muito mais quem arde no desejo de aprender. Aprendemos, sim, com muito entusiasmo, daqueles os quais amamos” (ERASMO, 2008a, p. 82)

Por isso: “A primeira tarefa do professor consiste em ser benquisto. A seguir, paulatinamente, sobrevém não ao terror, mas ao respeito liberal que vale mais do que medo” (ERASMO, 2008a, p. 83).

E, o modelo de mestre amoroso é o próprio Jesus, com o estímulo de educar para divindade Erasmo indica: “Que disciplina é aquela emanada pelo Senhor, com facilidade, descobre quem pondera a mansidão do amor com que Jesus ensinou, suportou, incentivou e, progressivamente, foi conduzindo os discípulos pelos patamares do amadurecimento” (ERASMO, 2008a, p.91).

Analogamente, Massaharu defende a pedagogia do elogio e do incentivo:

No início, quem elogia isso [os pontos positivos dos filhos] são os pais e educadores, mas depois chegará finalmente a hora em que toda a humanidade louvará seus pontos positivos, admirará suas qualidades e agradecerá sua grande contribuição ao mundo. Somente então os pais terão alcançado o objetivo final da educação dos seus filhos (TANIGUCHI, 1989, p. 205).

É que: “Uma simples palavra de amor, uma palavra de confiança e elogio leva a criança a melhorar” (TANIGUCHI, 1990a, p. 24).

O incentivo, o elogio conduzem naturalmente ao amor: “[...] os pais devem elogiá-la [a criança] e agradecer-lhe. Isso favorece muito desenvolvimento do talento da criança e a formação de uma personalidade amorosa” (TANIGUCHI, 1989, p. 152),

Para Massaharu, tratando-se de uma criança, sua maior alegria é ser amada pelos pais. Uma criança amada pelos pais não se importa de despender qualquer esforço para dar-lhes alegria.

Entretanto, muitas vezes os pais não demonstram em palavras nem em atitudes o amor que sentem pelos filhos quando estão atarefados em demasia, ou tratam-nos com grosseria por estarem enfrentando algum problema. Aqui está o erro. Mesmo que a pessoa sinta muito amor, se ela não o expressar, ninguém se sentirá amado por ela (TANIGUCHI, 2003, p. 49).

Enfim, “[...] quem deseja ter um filho dócil, bondoso e correto, deve demonstrar realmente o amor que sente por ele através de palavras, sorrisos, atitudes e ação” (TANIGUCHI, 2003, p. 50). Ou, como diz Erasmo, “[...] o sucesso dos estudos provém, antes de mais nada, da benevolência recíproca entre as pessoas” (ERASMO, 2008a, p. 111)

Fica, pelo exposto, evidenciadas algumas aproximações entre a pedagogia de Erasmo de Roterdã e a de Massaharu Taniguchi.

6 CONCLUSÃO

Apesar de Erasmo de Roterdã e Massaharu Taniguchi fazerem parte de contextos históricos diferentes, foi possível realizar uma aproximação entre eles. Os resultados foram de que ambos fazem crítica ao método do castigo, que visa a corrigir a criança por meio de repreensões e ensinar por meio de memorização e repetição. Viu-se que o castigo tem resultados contraproducentes e o método de memorizar e repetir as lições como meio de ensinar as letras enfadam a criança, criando nela o horror pelos estudos. Os exemplos dados compravam isso. Desse modo é presumível apoiar a crítica e validar a proposta que eles apresentam.

Percebe-se que Massaharu Taniguchi e, muito mais, Erasmo, estavam à frente de seus tempos. Atualmente tem-se a garantia, por lei, a proteção às crianças. Mas essa garantia, infelizmente, tem ainda um grande caminho a percorrer para que se possa cumprir, efetivamente, a proteção integral da criança em prol do seu desenvolvimento.

Verificou-se uma proximidade de ideias que embasam a proposta de ambos: consideram a educação como ação de extrema importância a favor da natureza do homem, a desenvolver a razão, a sua propensão para o bem e a sua habilidade inata. Aponta-se, para tanto, algumas negligências que pais e professores cometem diante da educação das crianças, a fim que se elimine tais erros. A criança deve, para desenvolver o que lhe é inato, se aprimorar valendo-se do esforço, devendo os educadores incentivá-las para que se esforcem cada vez mais no sentido do bem.

Foi, portanto, necessário averiguar as negligências correntes na educação: o descaso, a preocupação em demasia, o investimento escasso para com a educação, o valor dos bens materiais em demérito com os valores morais, as conversações inadequadas dos adultos, sobretudo perto das crianças, a falta de incentivo para as crianças se esforcem, a falta de explicar o correto, a falta de criar bons hábitos na criança. A educação está além do que se pode servir das escolas, estas que, muitas vezes, acabam por somente reproduzir a vontade de uma minoria. A educação está no dia a dia do ser humano e, pensá-la por uma perspectiva que a enquadre nos valores

eternos, como o divino, não inflige a liberdade da criança, como pensam alguns que defendem a educação laica.

Ficou exposta a possibilidade de escolha de um método que favoreça o desenvolvimento positivo da criança, como as propostas de Erasmo e Massaharu Taniguchi: Educar desde tenra idade, ser um exemplo para as crianças, agir com amor e elogios sinceros.

Acredita-se que esta pesquisa possa contribuir para os educadores, mais aos pais, ao levá-los a repensar sobre compreender o amor e o elogio como alternativas de método e de proposta que possam ser aplicados e servir para o desenvolvimento saudável de seus alunos. Assim como também entender a educação desde a tenra idade como meio eficaz de se atingir uma educação integral. As características peculiares de Erasmo e de Taniguchi, cada qual no seu modo de dizer, cada qual no seu tempo e espaço, revelam semelhanças que conduzem ao mesmo objetivo, o de desenvolver o ser humano em todo seu potencial.

Enfim, inerente ao posicionamento adverso de Erasmo e Massaharu Taniguchi ao método fundamentado na repreensão, é a proposta de um método que supere a ineficiência daquela, visando à harmonia dos elementos que compõe a aprendizagem, uma pedagogia baseada no respeito à natureza da criança, que seja ministrada em momento oportuno. E agora é o momento oportuno, o tempo deve ser valorizado e estar em consonância com a grande vitalidade da criança.

Entende-se pelo exposto, a defesa de uma educação mais que meramente científica, mas antes, uma educação “completa”, abarcando todo um arcabouço moral e cívico, a fim de dotar o indivíduo, desde a tenra idade, de uma capacidade plena de desenvolvimento e domínio da sua individualidade e capacidade criativa. Para tanto urge a participação dos pais e educadores como tendo um papel basilar na formação de tal indivíduo, atuando não apenas como mero “gerador”, mas como um exemplo a ser seguido. Utilizando-se de ferramentas mais eficazes que chicotes, ou seja, as ferramentas da palavra do incentivo, do elogio e do amor.

REFERÊNCIAS

CANTOS, Jorge. Erasmo de Roterdã e a pedagogia da sátira. 2006. 306f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

ERASMO. **De pueris** (dos meninos). Texto Integral. 2. Ed. Tradução, introdução e Notas de Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2008a. (Grandes Obras do Pensamento Universal, 22).

_____. **A civilidade pueril**. Texto Integral. 2. ed. Tradução, Introdução e Notas de Luiz Feracine. São Paulo: Escala 2008b. (Grandes Obras do Pensamento Universal, 22).

_____. **Elogio da loucura**. Tradução de Ciro Mioranza. 2. ed. São Paulo: Escala, 2008c.

TANIGUCHI, Massaharu. **A chave da vida feliz**. v. 2. Tradução da Seicho-no-le do Brasil. São Paulo: Seicho-no-le do Brasil, 2008.

_____. **A Verdade da Vida: Ética (I)**. v. 13. Tradução da Seicho-no-le do Brasil. 2 ed. São Paulo: Seicho-no-le do Brasil, 1990a.

_____. **A Verdade da Vida: Ética (II): Educação**. v. 14. Tradução da Seicho-no-le do Brasil. 2. ed. São Paulo: Seicho-no-le do Brasil, 1989.

_____. **A Verdade da Vida: Autobiografia**. v. 19. Tradução da Seicho-no-le do Brasil. São Paulo: Seicho-no-le do Brasil, 2009.

_____. **A Verdade da Vida: Pedagogia na prática (I)**. v. 25. Tradução da Seicho-no-le do Brasil. São Paulo: Seicho-no-le do Brasil, 1990b.

_____. **A Verdade da Vida: Educação de crianças: preleção sobre escrituras sagradas** v. 30. Tradução da Seicho-no-le do Brasil. São Paulo: Seicho-no-le do Brasil, 1993.

_____. **A Verdade da Vida: Educação no lar**. v. 40. Tradução da Seicho-no-le do Brasil. São Paulo: Seicho-no-le do Brasil, 2003.

_____. **Pedagogia da Seicho-no-le**. Tradução da Seicho-no-le do Brasil. 12. ed. São Paulo: Seicho-no-le do Brasil, 2007.